



EIXO 7: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES EM PERSPECTIVAS FEMINISTAS, INTERSECCIONAL, DE GÊNERO E RAÇA

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS QUE DISCUTEM GÊNERO E SEXUALIDADE: MEMÓRIA, SILÊNCIO E RESISTÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Marlia Aguiar Façanha

UFC

marliaaguiarf@gmail.com

Financiamento: FUNCAP

Resumo

O presente estudo parte do reconhecimento da escola como espaço contraditório: lugar de reprodução de desigualdades, mas também de invenção de resistências. Como afirmam Seffner e Penna (2024), as disputas em torno da equidade de gênero na cultura escolar não são apenas pedagógicas ou curriculares, mas atravessam o campo da ética, da política e da subjetividade.

As pesquisas e artigos sobre a violência de gênero no espaço escolar, especificamente, tem seu enfoque em grande maioria, em relação aos/as estudantes (Dadico, 2023; Lunkes, 2018), e pouco se investiga sobre a forma como ela afeta diretamente as professoras, especialmente aquelas que ousam abordar gênero e sexualidade em sala de aula. O contexto educacional brasileiro, marcado por discursos conservadores e políticas de silenciamento, como o movimento “Escola sem Partido”, tem produzido formas de perseguição institucional e simbólica às docentes, caracterizadas por misoginia, censura, desqualificação profissional e efeitos nocivos à saúde mental. Diversos grupos ligados a setores conservadores da sociedade sentem-se encorajados a perseguir, desacreditar e humilhar professores, de forma organizada propagando a ideia de perseguição e desconfiança em relação aos professores.

A pesquisa da Human Rights Watch, “*Tenho medo, esse era o objetivo deles: Esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil*”, de 2022, é uma das poucas encontradas até o momento, preocupada com a perspectiva da violência contra professores em âmbito nacional, o relatório “tem como foco os esforços legislativos e políticos de suprimir abordagens multidimensionais e abrangentes da educação sobre gênero e sexualidade nas escolas públicas de ensino fundamental e médio no Brasil.”

O relatório da pesquisa traz a importância do trabalho da Educação Integral em Sexualidade, conforme as normas internacionais e como a falta desse componente prejudica o direito das crianças e adolescentes e a sociedade como um todo já que “o alto nível de violência de gênero no Brasil, incluindo violência contra mulheres, meninas e pessoas LGBT, é um indicador da urgente necessidade de tal educação nas escolas.” (Human Rights Watch, 2022). Ainda nessa pesquisa, a perseguição a professores e gestores de escolas, que trabalham os projetos em gênero e sexualidade, é demonstrada por meio de 56 entrevistas de profissionais que sofreram violências diversas no desenvolvimento de seu trabalho, tendo como uma das consequências o adoecimento físico e mental destes profissionais.

O avanço de discursos conservadores tem intensificado ataques direcionados a professores e principalmente a professoras que discutem gênero e sexualidades em sala de aula. A ofensiva contra a chamada “ideologia de gênero” gerou um ambiente de censura e hostilidade, ampliando a vulnerabilidade dessas docentes e restringindo a liberdade de cátedra. Além das violências externas, há também as violências institucionais, expressas na falta de suporte das escolas e redes de ensino diante de episódios de assédio e discriminação, deixando as professoras isoladas na gestão desses conflitos.

A problemática deste estudo envolve a questão: Se a escola é, por força de lei, um espaço de promoção da equidade e dos direitos humanos, por que persistem, e recrudescem, violências de gênero contra professoras que atuam com essa agenda? Como essas violências são vividas, percebidas e narradas pelas próprias docentes? E que estratégias de resistência emergem dessas experiências.

Diante desse cenário, a presente pesquisa propõe investigar as experiências de professoras da educação básica do Ceará que enfrentam ou enfrentaram violências de gênero no espaço escolar. Utilizando a abordagem (auto)biográfica, busca-se compreender como essas docentes narram suas vivências, identificam os mecanismos de violência e constroem estratégias de resistência e permanência na profissão. A pesquisa se ancora no pressuposto de que as narrativas docentes são potentes dispositivos de reflexão e transformação, permitindo a elaboração de sentidos para as experiências vividas e possibilitando a produção de conhecimento a partir dos saberes da experiência.

Desse modo, nossa questão central de pesquisa consiste em perguntar: De que maneira professoras da educação básica no Ceará experienciam as violências de gênero na escola? E como desdobramentos desta: Quais as formas de violência de gênero vividas pelas professoras? Como resistem a essas violências? E quais os efeitos destas na sua prática pedagógica e saúde mental?

Nesse contexto, os objetivos deste trabalho pretendem, de **forma geral**: Compreender, por meio de narrativas autobiográficas, como professoras da rede pública cearense experienciam e resistem às violências de gênero associadas ao ensino de temáticas de gênero e sexualidade; e **em específico**:

1. Identificar as formas de violência de gênero simbólica, institucional e subjetiva vividas pelas professoras;
2. Analisar os efeitos dessas violências sobre suas práticas pedagógicas e saúde mental;
3. Evidenciar as estratégias de resistência, criação e agência desenvolvidas pelas docentes;
4. Articular os achados às diretrizes e desafios da Educação em Direitos Humanos com foco na equidade de gênero.

Com essas motivações norteamos este estudo, considerando a relevância do estudo no intuito de colaborar na resposta de um desafio ético e político central da educação brasileira: garantir que os direitos das mulheres e das populações LGBTQIA+ sejam respeitados dentro da escola.

Palavras-chave: (Auto)biografias. Gênero e sexualidade. Professoras.

Referências

DADICO, Luciana. **Violência escolar de gênero: uma abordagem teórico-crítica**. *Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 32, n. 69, p. 78–89, jan./mar. 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2023.v32.n69.p78-89>.

HUMAN RIGHTS WATCH. **“Tenho medo, esse era o objetivo deles”: esforços para proibir a educação sobre gênero e sexualidade no Brasil**. Nova Iorque: Human Rights Watch, maio 2022. ISBN 978-1-62313-982-7. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2022/05/12/tenho-medo-esse-era-o-objetivo-deles/esforcos-para->



[proibir-educacao-](#)



[sobre-genero.](#)

LUNKES, Fernanda Luzia. Gênero e violência de gênero no espaço escolar. *Travessias*, Cascavel, v. 12, n. 3, p. 45–59, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias>.

SEFFNER, Fernando; PENNA, Fernando. **Educação democrática e equidade de gênero: disputas na cultura escolar.** *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 18, n. 40, p. 39–57, jan./abr. 2024. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. DOI: <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.1879>.